



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PETRÓPOLIS, RJ, 31 DE JANEIRO DE 1997

Senhor Governador do Estado do Rio, meu companheiro e meu amigo Marcello Alencar; Senhor Ministro da Cultura, Professor Francisco Weffort; Senhor Eduardo Eugênio Gouveia Vieira, Presidente da Firjan; Doutor Eliezer Batista; Doutor Raphael de Almeida Magalhães; Senhores Parlamentares; Senhores Secretários de Estado; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores,

Não podia ter tido eu um começo de estadia, aqui em Petrópolis, mais prazenteiro do que ter ouvido as palavras que ouvi, depois de ter estado em Sepetiba, sobrevoando o porto de Sepetiba, aprendendo, *in loco*, as possibilidades daquela região, e de, agora, verificar que o que há algum tempo atrás, para mim, era apenas um vago desejo, uma vaga referência, hoje começa a ser uma realidade.

Eu não posso senão agradecer a cooperação que tenho recebido. Cooperação do Dr. Eliezer Batista que, mesmo antes de eu ser Presidente da República, influenciou os rumos que nós daríamos ao Brasil, porque conversamos extensamente na preparação do programa de governo. Algumas dessas idéias que ele, hoje, colocou aqui foram incorpo-

radas, em função das múltiplas discussões que tivemos, sempre motivados com a presença do Raphael de Almeida Magalhães, cuja generosidade ímpar – eu assisti a essa generosidade em vários momentos da minha vida e da vida do Raphael – acabou de fazer um discurso que me comoveu. Eu sei que é excessivo pela sua generosidade, mas, de qualquer maneira, como pessoa ou como amigo do Raphael, eu quero agradecer de todo o coração as palavras que proferiu.

Quero dizer, também, que esses dois companheiros tiveram um papel importante na motivação das ações de governo. E eu, humildemente, quero expressar, aqui, que, com a minha formação como sociólogo, e sociólogo do desenvolvimento, as idéias então vigentes estavam muito mais baseadas, no que diz respeito às formas de crescimento e desenvolvimento, nas teorias de François Perrault, que falava em pólos de crescimento. Nós estamos tratando não de pólos isolados, mas de corredores que são de tal maneira sinérgicos que nós passamos ter uma visão, como ele disse, holística e sistêmica. Essas idéias me foram muito sensíveis e eu as aproveitei, ao tentar propor ao Brasil uma plataforma de governo. Portanto, antes de ser Presidente já era grato à influência do Raphael e de Eliezer Batista.

Eu não quero esquecer, neste momento, de mencionar o nome de um outro ilustre carioca, que deu apoio sempre decidido às minhas ações, quando Ministro da Fazenda, tentando colocar um paradeiro na inflação galopante, e que, depois, também se juntou a esse grupo, na formação desse Conselho de Coordenação das Ações Federais do Rio de Janeiro, que é Mário Henrique Simonsen.

Hoje, o que nós havíamos delineado, que contou com o apoio entusiástico do Governador Marcello Alencar, já são ações. Hoje, pude ver, de manhã, em Setpetiba. Tivemos uma imensa dificuldade, como eu assinalei lá em Setpetiba, para romper barreiras burocráticas. Imensas dificuldades. Só quem trabalha dentro do aparelho do Estado é que se dá conta de que como coisas óbvias e fáceis são difíceis.

Obter recursos e transferir recursos de uma instituição estatal para outra, com a vontade do Presidente da República, dos Ministros e do Governador, é uma tarefa hercúlea. E o mais entristecedor é que, muitas

vezes, essas dificuldades são constituídas por aquilo que um outro amigo meu, Albert Hirschman, a quem muito respeito e com quem muito aprendi sobre desenvolvimento, costumava chamar de “obstáculos mentais ao desenvolvimento” aqueles que estão vislumbrando dar os passos necessários para que as coisas ocorram. É o atraso, às vezes, erigido em bandeira ideológica. E, aí, dá tristeza.

É tão penoso ver gente talentosa, às vezes, anquilosada, fechada, incapaz de ver o que ocorre em torno de si e utilizar palavras grandiosas para defender bandeiras que não têm mais sentido. Esses obstáculos grandes só são vencidos pelo convencimento, pela ação persistente, democrática, do diálogo. Não há outro caminho.

E, aqui, nós estamos nesta mesa, cercados de pessoas que passam dia e noite tratando de nos convencer mutuamente e convencer, mais tarde, aqueles que ainda não crêem nos caminhos que aparecem como viáveis e positivos para o povo e para o País.

Hoje, vejo que as coisas caminharam no Rio de Janeiro. E aqui, simbolicamente, nós estamos, de alguma maneira, passando o facho do setor público para o setor privado. Essa é a tarefa que o Eduardo Eugênio aceitou, juntamente com os senhores empresários, dos vários setores, de compreender que, daqui para frente, não basta a ação do Governo. O Governo, não direi que fez a sua parte. Estamos fazendo, começando a fazer. Mas sozinhos não poderemos caminhar, precisamos dos senhores. E vamos estar juntos nesse desafio.

Os gargalos iniciais da telemática, do porto de Sepetiba, do gás químico, com a compreensão – pensa, mas houve a compreensão – dos setores pertinentes a essas matérias, esses passos iniciais nós já os demos.

Mesmo no arcabouço ainda antigo do nosso sistema de comunicações, no Rio de Janeiro, estamos investindo 2 bilhões de reais, para modificar a base desse sistema arcaico, que ainda nós temos, de telecomunicações. Na comunicação telefônica, na telefonia fixa, cujo sistema será transformado em telefonia digital, 2 bilhões de reais saíram do próprio Sistema Telebrás, para dar um só exemplo. Assim como o BNDES, que percebeu a importância de apoiar o porto de Sepetiba, como a Petrobras entendeu a importância de apoiar o porto de Sepe-

tiba e como a Petrobras entendeu a importância de fazer esse Pólo Gás-Químico. Estamos, portanto, já em marcha.

Mas, como o Governador Marcello Alencar mencionou – e é verdade – que eu disse que o Rio é o farol do Brasil, esse farol se iluminou. Hoje, o Rio de Janeiro cintila e se percebe isso. Percebe-se que existe, no Rio, não o desconhecimento das dificuldades, que são imensas, mas a convicção de que nós temos capacidade para superá-las.

E a cintilação é tão grande, a força do Rio de Janeiro é tão grande, a força, a capacidade que o Rio tem de reverberar o que ocorre é tão grande que eu poderia dizer-lhes que não apenas aqui no Rio estamos dando os passos para algumas modificações importantes, mas tenho a satisfação, como recentemente mostrei, até pela televisão, de dizer que, nos primeiros dois anos de governo, nós fizemos alterações significativas em várias áreas do Brasil, adotando as mesmas preocupações que foram expostas pelo Doutor Eliezer Batista.

Anseios antiquíssimos cuja consecução teve como conseqüência modificações profundas na matriz energética do Brasil começaram a ter curso. Eu, como Chanceler, fui à Bolívia para viabilizar um acordo, que permitiria o gasoduto da Bolívia. Esse é um anseio de 30 anos ou mais. Pois bem, o gasoduto, hoje, está em construção. Os editais estão na rua, as licitações para os dutos estão feitas e, dentro de pouco tempo, nós vamos ter, realmente, o gasoduto levando o gás da Bolívia ao Rio Grande do Sul, liberando o gás do Rio de Janeiro para o Rio de Janeiro, ampliando as possibilidades de utilização do gás em São Paulo, no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais.

Não foi só isso. Também influenciado pelas mesmas idéias, buscamos integrações sinérgicas no Norte do Brasil. Uma antiga aspiração de quando eu era Chanceler está sendo realizada com a Venezuela. O Doutor Eliezer sabe o quanto nos custou para que o Brasil entrasse para a CAF – Corporación Andina de Fomento. Conseguimos.

Com isso, estamos, hoje, financiando aquilo a que o Governador do Amazonas se antecipou, com recursos próprios: uma estrada chamada 174, que sai Manaus, passa por Boa Vista e vai até Caracas, na Venezuela,

e que dá uma saída ao Norte do Brasil para o Caribe e permite que a Zona Franca de Manaus ganhe, outra vez, a sua dimensão de exportadora, ao invés de simplesmente suprir os mercados do Sudeste do Brasil. A 174, em boa parte, já esta pavimentada. Só não fui lá, porque ainda não tive tempo, para inaugurar o trecho, no Estado do Amazonas. Em pouco tempo mais, estará totalmente feita.

Assinei, na semana passada, outro acordo de entendimento de ação, um outro sonho antigo, também com a Venezuela, de aproveitamento da hidroeletricidade do Guri. E nós vamos iluminar, outra vez cintilar, desta vez em Boa Vista, lá em Roraima, com a energia gerada na Venezuela. Estamos começando as licitações para as obras de construção de uma grande linha de transmissão, que vai energizar – expressão que eles gostam de usar no Norte – o Estado de Roraima.

O Ministro das Minas e Energia recém voltou do Amapá, onde a escassez de energia é brutal. Nós inauguramos também, lá – e aí tinha que ser ainda com diesel –, novas unidades geradoras. Estamos preparados e já em ação para utilizar o gás de Urucu, do Amazonas, que vai permitir modificar radicalmente o panorama de Roraima em matéria de energia. Vamos terminar, agora, e inaugurar, na usina geradora de Samuel, a última unidade. E não é suficiente. Vamos ter que usar o gás de Urucu em toda a Região Amazônica.

No Pará, o linhão de Tucuruí, que era o anseio das populações locais, que servia apenas ao Maranhão, passou a ser também – aqui estamos já fazendo – utilizado para a região da Amazônia, em toda a região sul do Pará, de tal maneira que lá, também, as obras de infra-estrutura energética estão retomadas.

Ontem assinei, com o Presidente do Uruguai, o começo de uma unidade conversora, de 30 megawatts, que vai começar a ser realizada, mas, dentro em breve, teremos uma outra de 300, ligando o Uruguai com o Rio Grande do Sul. O mesmo já estamos fazendo com a Argentina.

Ou seja, estamos aproveitando as grandes idéias de sinergia, juntando esforços, num conjunto de obras, que são absolutamente essenciais para que possa haver progresso, no futuro, no Brasil, crescimento da nossa economia.

Se o porto de Sepetiba é um marco – e é, nós vimos os gráficos aqui –, não nos esqueçamos de outros portos. Sobrevoei, há pouco mais de uma semana, o porto de Suape, em Pernambuco. O porto de Suape, pode se ver, com o apoio do Governo Federal e com o apoio da iniciativa privada, que já está em marcha, que esse porto já está em franco funcionamento. E vai se multiplicar, em escala menor, a mesma coisa que ocorre aqui em Sepetiba.

Estamos fazendo um outro porto no Ceará, em Pecém, que vai viabilizar a utilização, no Ceará, de uma base de produção siderúrgica. O porto de Itaquí existe e é um dos maiores portos do Brasil. Nós estamos tratando, agora, de toda a privatização dessa rede de portos, para que as operações possam ir mais depressa.

Nós temos portos importantes, como o porto de Tubarão. Nós estamos ativos na recuperação e dragagem do porto do Rio Grande, de tal maneira que também o Sul possa se beneficiar desse novo momento da nossa história.

O Dr. Eduardo Eugênio esteve comigo no Rio Grande do Sul e sabe que nós estamos dobrando o número de pólos petroquímicos ou de gás químico, no Brasil. Nós levamos 40 anos para fazer três pólos. Eu espero que, nos quatro anos do meu governo, nós tenhamos agregado mais três pólos ao Brasil – um no Rio Grande do Sul, outro em São Paulo e outro no Rio de Janeiro.

Eu sei que há muitos problemas. A metade sul do Rio Grande do Sul, por exemplo, a parte mais setentrional do Rio Grande do Sul, sofre de uma crise tremenda na sua agricultura, sofre do desamparo de muitas medidas. Vamos cuidar disso.

O Nordeste já tem seu rumo. Eu vou pedir até que as mesmas pessoas que nos ajudaram a fazer do Rio de Janeiro um ponto de confiança no Brasil nos ajudem no Nordeste, também, onde nós temos grandes trabalhos a serem feitos, já em marcha, tanto na questão de águas, de irrigação, quanto na questão, como disse, de portos, na fruticultura e por aí vai.

Há muito o que fazer, mas há muitas possibilidades. O Brasil não tem porque temer a competição. Há condição de que ele se prepare para ela.

Eu não quero me estender. Eu me entusiasmo quando falo do Centro-Oeste, quando falo das realizações e das potencialidades do Brasil. Não quero me estender.

Quero finalizar dizendo, entretanto, que tudo isso depende do fator humano. Tudo isso depende, basicamente, de nós melhorarmos a educação e ampliarmos o grau de capacidade tecnológica deste país, de desenvolvimento científico, de desenvolvimento cultural, sem o qual não existe a possibilidade de uma integração positiva no sistema internacional que se está formando.

A infra-estrutura é condição necessária, mas não é suficiente. O mundo do futuro é o mundo do cérebro. É o mundo das economias que vão estar baseadas na capacidade nossa de conhecimento, de produção, de informação e, como já foi dito aqui, de transmissão rápida da informação e de sofisticação, o máximo possível, em todos esses sistemas de comunicação moderna.

Esse é um desafio que não se resolve em um ano, em dois anos, em três anos. Se se faz um porto em menor tempo, podem-se fazer uma ponte, um linhão de energia elétrica. É possível. E a Petrobras vai se lançar – já se lançou – ao desafio de, no ano 2000, ser capaz de perfurar poços, para buscar petróleo, com profundidade de mais de 2.000 metros d'água.

Tudo isso se pode prever, fazer e executar. Muito mais difícil é lidar com aquilo que é fundamental: o ser humano – o homem e a mulher. Leva mais tempo, precisa de mais empenho. Mas é esse o grande desafio.

Termino, portanto, meus Senhores, minhas Senhoras, meu caro amigo Governador, reiterando os meus agradecimentos, mas dizendo-lhes que a confiança que vejo aqui no Rio de Janeiro, aqui em Petrópolis e no Estado do Rio de Janeiro é uma confiança que vai se espraiando pelo Brasil afora. Se nós mantivermos essa confiança; se, com serenidade, sem demagogia, com muito afínco, com tranqüilidade, como disse, e com competência, nós continuarmos enfrentando os problemas do Brasil; se nós formos capazes – e reitero o que disse nesta manhã – de dar as mãos uns aos outros, independentemente das diferenças, que existem e de todo tipo: políticas, partidárias, de religião, de sectarismo,

do que seja; se nós formos capazes de ver que podemos fazer o que o povo precisa, a questão passa a ser não apenas de desenvolvimento, mas de ética, porque é uma questão moral.

Hoje, nós temos que ter essa convicção, de que há um desafio moral, que é o de nós estarmos solidários, juntos, porque nós podemos construir o Brasil que esse povo merece.

Muito obrigado.